



Um jogo de futebol pode dispensar a presença dos homens em campo. Os robôs também marcam golos.

ROBÓTICA FESTIVAL NACIONAL REÚNE 91 EQUIPAS E 400 PARTICIPANTES

E os humanos criaram a inteligência artificial

SÍLVIA GONÇALVES

Robôs de diferentes configurações deslizam no interior de um recinto coberto, autónomos e com movimentos mais e menos "elegantes". Não falamos de um qualquer cenário de ficção científica, mas do Festival Nacional de Robótica, que ontem terminou no Centro de Congressos de Lisboa.

A ideia, nasceu em 2000, da iniciativa conjunta do Instituto Superior Técnico (IST) e das Universidades do Minho e de Aveiro, a que se juntaria a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Esta terceira edição foi organizada pelo IST, e Pedro Lima, engenheiro eletrotécnico do Instituto, garantiu à CAPITAL que "desde o início a ideia foi promover a ciência e a tecnologia junto dos cidadãos em geral, e dos mais jovens em particular".

O Festival de Robótica serve também para as universidades darem a conhecer a investigação que desenvolvem em diversas áreas, a que se juntam agora as escolas secundárias e profissionais. Entre as quatro classes disputam-se diferentes provas. Numa delas, duas equipas, de quatro robôs cada, disputam um jogo de futebol num campo de 12 por 6 metros. Com cores distintas em campo, deslizam atrás da bola, e quando os golos acontecem a assistência vibra e grita, como se de um verdadeiro estádio de futebol se tratasse.

Mas os robôs também dançam. Uma professora de dança avaliou os movimentos dos protótipos que estão ainda longe da aparência humana, mas que arrancaram emoções e aplausos aos muitos presentes, onde se encontravam adeptos de todas as idades.

Numa pista que simula um cir-

cuito rodoviário, um robô, de cada universidade e politécnico presente, simulou o comportamento de um veículo na estrada. Começam, assim, pelos pequenos protótipos, em nome do sonho de chegar a um veículo de condução autónoma. Carlos Carneira, também do IST, explicou à CAPITAL que "o grande desafio lançado a nível mundial é que, em 2050, haja uma equipa de robôs que seja praticamente humana, com humanóides. E que essa equipa consiga vencer o mundial de 2050 à equipa de humanos que tiver ganho".

Entre máquinas e humanos, vencedores e vencidos, os três dias de festival foram pautados pela luta em nome da melhor *performance*. Em 2004 o Robocup vai ser em Lisboa, entre Junho e Julho, na FIL. Presentes vão estar equipas de todo o mundo, numa dança equilibrada, entre humanos e máquinas.

Robôs. Dançar ou jogar à bola são actos já não apenas exclusivos dos seres humanos. As máquinas também o conseguem, e até “fazem” campeonatos. **Página 13**



**Mostra
na Junqueira
antecipa mundial
de robôs na FIL**

Página 13

Finda a Robótica,
Lisboa prepara o mun-
dial de futebol
para robôs

FREDERICO COLAREJO